

# SOBRE UM ENSINO EM 'ABERTO': LEITURAS DE UM ATELIER VIRTUAL DE PROJETO PARA O BAIRRO DO VARADOURO, JOÃO PESSOA-PB.

**SOBRE UNA ENSEÑANZA 'ABIERTA': LECTURAS DE UN TALLER DE DISEÑO VIRTUAL PARA EL BARRIO DE VARADOURO, JOÃO PESSOA-PB**

**ABOUT AN 'OPEN' TEACHING: READINGS FROM A VIRTUAL DESIGN ATELIER FOR THE VARADOURO NEIGHBORHOOD, JOÃO PESSOA-PB**

**MEDEIROS, LUCIANA DE**

Doutora, Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, E-mail: [luciana.medeiros.1@ufrn.br](mailto:luciana.medeiros.1@ufrn.br)

**LEITE, ANTÓNIO SANTOS**

Doutor, Professor da Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa e Investigador do CIAUD, E-mail: [amleite354fa@gmail.com](mailto:amleite354fa@gmail.com)

## RESUMO

As práticas didático-pedagógicas relacionadas ao ensino de projeto, atualmente aliadas às inovações tecnológicas e às novas formas de trabalho colaborativo, tem sido tema de constante debate. Os chamados ateliers virtuais de projeto, seus diferentes formatos e elementos constitutivos, ampliam oportunidades na prática arquitetônica. Assim, este artigo apresenta aspectos didático-pedagógicos de um workshop de projeto sob o olhar dos docentes participantes de uma das equipes de trabalho. Para tanto, o foco das reflexões engloba duas contextualizações sobre a atividade. A primeira discorre sobre as questões metodológicas e postura pedagógica adotada, com ênfase na sequencição e organização das atividades, delimitando os tempos, as ferramentas envolvidas, alterações no percurso e o alcance de um efetivo trabalho colaborativo. Na segunda contextualização, registra-se a defesa de um ensino em 'aberto', um ensino que, mais do que se ensinar o previamente conhecido, deve estimular, tanto nos docentes como nos alunos, uma genuína vontade de descobrir e apreender. A partir deste enquadramento, evidencia-se uma proposição programática sobre a reabilitação de 'lugares históricos', 'lugares multitemporais' marcados pelas realidades culturais de quem as habitou, compreendendo-os como lugares de futuro. Como resultado, destaca-se a validade de um exercício realizado à distância, moldado por escolhas metodológicas mais amplas, que favoreceram a integração entre alunos e docentes de diferentes instituições.

**PALAVRAS-CHAVE:** Atelier Virtual de Projeto. Ensino de Projeto Arquitetônico. Colaboração. Reabilitação Arquitetônica.

## RESUMEN

Las prácticas didáctico-pedagógicas relacionadas con la enseñanza por proyectos, actualmente combinadas con innovaciones tecnológicas y nuevas formas de trabajo colaborativo, han sido objeto de constante debate. Los llamados talleres virtuales de proyecto, sus diferentes formatos y elementos constitutivos, amplian las oportunidades en la práctica de la arquitectura. Así, este artículo presenta aspectos didáctico-pedagógicos de un proyecto taller desde la perspectiva de los docentes participantes de uno de los equipos de trabajo. Para ello, el foco de las reflexiones abarca dos contextualizaciones de la actividad. El primera discute las cuestiones metodológicas y la postura pedagógica adoptada, con énfasis en la secuenciación y organización de las actividades, delimitando los tiempos, las herramientas involucradas, los cambios en la ruta y los alcances del trabajo colaborativo efectivo. En la segunda contextualización, se encuentra la defensa de una enseñanza 'abierta', una enseñanza que, más que enseñar lo que ya se sabe, debe estimular, tanto en profesores como en estudiantes, un deseo genuino de descubrir y aprender. Desde este marco surge una propuesta programática sobre la rehabilitación de 'lugares históricos', 'lugares multitemporales' marcados por las realidades culturales de quienes los habitaron, entendiéndolos como lugares del futuro. Como resultado, se destaca la validez de un ejercicio realizado de forma remota, conformado por elecciones metodológicas más amplias, que favorecieron la integración entre estudiantes y docentes de diferentes instituciones.

**PALABRAS CLAVES:** Taller Virtual de Proyecto; Enseño de Proyecto Arquitectónico. Colaboración; Rehabilitación Arquitectónica.

## ABSTRACT

Didactic-pedagogical practices related to project teaching, currently combined with technological innovations and new forms of collaborative work, have been the subject of constant debate. The called virtual design studios, their different formats and constituent elements, expand opportunities in architectural practice. Thus, this article presents didactic-pedagogical aspects of a project workshop from the perspective of teachers participating in one of the work teams. To this end, the focus of reflections encompasses two contextualizations of the activity. The first discusses the methodological issues and pedagogical stance adopted, with an emphasis on the sequencing and organization of activities, delimiting the times, the tools involved, changes in the route and the scope of effective collaborative work. In the second contextualization, there is the defense of 'open' teaching, a teaching that, more than teaching what is previously known, must stimulate, in both teachers and students, a genuine desire to discover and learn. From this framework, a programmatic proposition emerges about the rehabilitation of 'historical places', 'multitemporal places' marked by the cultural realities of those who inhabited them, understanding them as places of the future. As a result, the validity of an exercise carried out remotely stands out, shaped by broader methodological choices, which favored integration between students and teachers from different institutions.

**KEYWORDS:** Virtual Design Studio. Architectural Design Teaching. Collaboration. Architectural Rehabilitation

Recebido em: 30/11/2023

Aceito em: 11/01/2024

## 1 INTRODUÇÃO

As discussões acerca dos ateliers virtuais de projeto e das questões envolvidas na sua prática tem recebido importante destaque nos últimos anos. A partir do incremento das novas tecnologias digitais que permitiram sua operacionalização, mas também em razão do conhecimento adquirido com os ateliers de projeto em formato remoto do período da pandemia da covid-19, uma série de experiências passaram a fazer parte do cenário acadêmico e dos cursos de arquitetura, abarcando diferentes formatos e níveis de abrangência. Ainda que as práticas pedagógicas derivadas do período de isolamento social tenham sido uma imposição e, portanto, tenham adquirido uma configuração específica para aquele momento conforme possibilidades de cada grupo ou instituição, pontuamos aqui o alargamento das perspectivas de trabalho com uso da internet e aplicativos digitais diversos.

Deste modo, numa aproximação com experimentações implementadas mais recentemente, vale destacar a discussão proposta por Celani (2021), sobre exemplos de projetos colaborativos do período da pandemia e *workshops* de projeto com participação de estudantes e docentes de instituições nacionais e internacionais, assim como a pesquisa que vem sendo desenvolvida por Veloso (2021), sobre novas formas de ensino/aprendizado do projeto e iniciativa de organização da primeira versão do IVADS - Atelier Virtual Internacional de Projeto de Arquitetura.

Dito isto, este artigo traz à tona algumas reflexões didático-pedagógicas de um *workshop* realizado dentro dessa perspectiva. O Atelier Virtual Internacional de Projeto de Arquitetura ou *International Virtual Architectural Design Studio – IVADS 2023* – envolveu a participação de docentes, estudantes, de pós-graduação e de graduação de cursos de arquitetura de diferentes instituições nacionais (UFRN, UFPB, UFPE) e internacionais (Universidade de Lisboa). Ocorreu entre os dias 26 de setembro e 09 de outubro de 2023, com o tema “Intervenções na Preexistência – Concepção de Espaços para Economia Criativa no Centro Histórico de João Pessoa/PB”, estabelecendo uma relação com a cidade onde seria o 11º Seminário Internacional PROJETAR. Assim, funcionou como uma oficina que antecedeu o Evento e englobou 30 horas de atividades a algumas palestras de profissionais especialistas na área.

O texto que segue foi construído a partir dos olhares dos docentes que participaram de uma das equipes do atelier e está apresentado conforme duas seções principais. A primeira delas, mais analítica, situa o leitor em relação aos aspectos didático-pedagógicos adotados ao longo do *workshop*, assinalando detalhes de caráter estrutural, operativo e sua correlação com as respostas dos estudantes. A segunda seção, exemplificada por meio do conteúdo tratado em uma em uma das etapas do atelier e do relato de experiência de um dos autores do artigo, discute o chamado ensino ‘em aberto’ e reabilitação de ‘lugares históricos’, ‘multitemporais’. Ao final, os autores evidenciam algumas reflexões sobre a atividade.

## 2 ASPECTOS DIDÁTICO-PEDAGÓGICOS GERAIS

De um modo geral, o IVADS 2023 compreendeu três momentos distintos: 1) um momento inicial, com palestras sobre o tema, distribuição das equipes de trabalho, avisos sobre as principais regras do concurso e contato com o objeto de estudo; 2) um momento intermediário, composto pelo início dos trabalhos dos alunos e uma apresentação preliminar das ideias dos grupos para o problema de projeto; 3) um momento final, envolvendo a etapa propositiva propriamente dita, com apresentação das soluções para a área de intervenção escolhida.

Além disso, nos estágios iniciais da oficina, a comissão organizadora disponibilizou informações e material gráfico sobre o local a ser trabalhado, assim como o contato (*e-mail* e número de celular) dos participantes de cada grupo para que os mesmos pudessem se organizar. A distribuição das 6 equipes foi pensada de uma maneira que envolvesse pessoas de diferentes instituições, mas principalmente, alunos pós-graduação e alunos de graduação de diferentes níveis, para equilibrar cada grupo. Observa-se, assim, que existiam alguns critérios preestabelecidos para o funcionamento do *workshop*, o que facilitou o entendimento dos envolvidos e a previsão das atividades a serem realizadas.

### **Sobre a organização do trabalho e as fases do atelier**

A partir do anúncio das equipes de trabalho no 1º dia do IVADS, optamos pela criação de um grupo de *whatsapp* visando uma comunicação mais ágil entre os membros da equipe. Como consequência, ficou combinada uma reunião, pelo *GMeet*, para o dia seguinte, com objetivo de nos apresentarmos uns aos outros e lançarmos sugestões para uma rotina de encontros/discussões, de acordo com os seguintes itens:

- Marcação de reuniões, via *GMeet* e discussão do horário mais conveniente para o grupo;

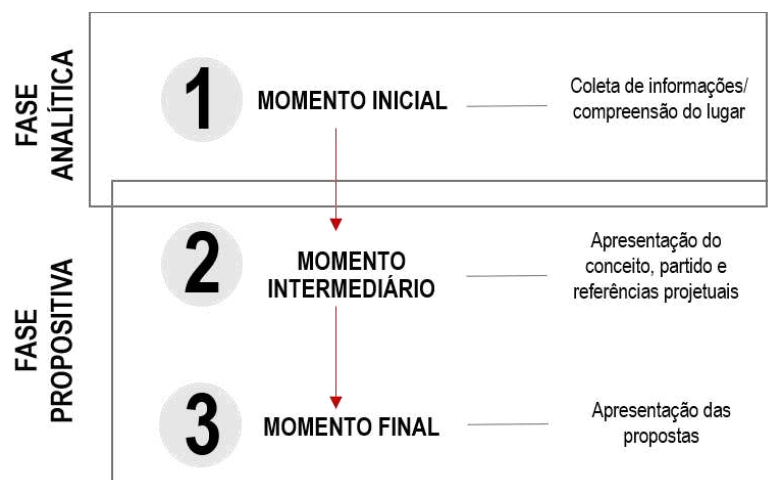
- Criação de um ambiente virtual colaborativo;
- Discussão sobre etapas de trabalho e produtos a serem entregues
- Discussão sobre divisão das tarefas, escolha de ferramentas de concepção de acordo com habilidades dos componentes do grupo.

O ambiente virtual colaborativo escolhido foi o Miro, já conhecido por todos os participantes em função do seu uso durante o período da pandemia. A opção pelo horário das reuniões do grupo (17h no Brasil e 21h em Lisboa) levou em consideração o final das aulas dos estudantes brasileiros e fuso-horário em relação a Portugal, já que havia um professor e um estudante da Universidade de Lisboa na equipe.

Quanto aos encontros síncronos/reuniões com a participação do grupo, foram marcadas 6 datas consecutivas até a apresentação preliminar da proposta. Partimos do princípio de que pelo menos 1 professor estaria presente nesses primeiros encontros, para observar e estimular a dinâmica dos alunos, já que grande parte das pessoas não se conhecia. Por este motivo, a intenção era que os estudantes de pós-graduação, que assumiriam o papel de monitores da equipe, estivessem sempre presentes nessas reuniões. Vale enfatizar, neste ponto, que um número maior de encontros nesse momento inicial seria primordial para a aproximação dos membros do grupo. Também funcionaria como facilitador para tomada de decisão, dia após dia, já que estávamos todos lidando com várias incertezas de projeto e uma nova atividade, centrada num objeto/problema de projeto sem qualquer reflexão anterior e realizada num curto período de tempo.

O exercício foi estruturado em duas etapas principais, em consonância com os momentos do IVADS: uma analítica, composta pela coleta de informações, discussão sobre as palestras e conteúdo pesquisado, busca por referências projetuais; e outra propositiva, composta primeiramente pela definição de conceito e partido arquitetônico e, em seguida, pelo desenvolvimento do restante da proposta (Figura 01). Ressalta-se, neste quesito, que o próprio processo de projeto, compreendido como um processo cíclico e repleto de incertezas (LAWSON, 2011), permitiu uma pequena sobreposição das etapas, o que ocasionou situações em que foi preciso reformular ideias ou retomar passos anteriores.

Figura 1: Diagrama esquemático com os principais momentos do IVADS e fases de concepção projetual



Fonte: Autores

O momento intermediário da oficina, marcado pela sistematização das ideias e definição de conceito e partido arquitetônico, gerou ricas discussões acerca das posturas de intervenção a serem trabalhadas pelo nosso grupo, como também a respeito dos usos propostos para área de estudo. Além disso, oportunizou a reflexão sobre a importância do lugar para os moradores do bairro, como será melhor detalhado na seção que trata do ensino em aberto e requalificação urbana e arquitetônica do local.

Entre a apresentação das ideias preliminares das equipes e o trabalho de desenvolvimento das propostas finais, o número de reuniões com a presença de todos os componentes do grupo diminuiu um pouco em relação ao primeiro momento do atelier. Uma rotina de tarefas já havia se estabelecido entre os membros da equipe e eles próprios passaram a sugerir encontros extras em horários alternativos. Ademais, a continuação da proposta, em termos práticos, exigiu a divisão dos desenhos e, conseqüentemente, o debate frequente do grupo.

Nesse cenário de atividades, considerando que a apresentação das propostas seria durante o Seminário Projetar e que alguns membros da equipe estariam no evento, ficou acertado que a finalização das pranchas de desenhos seria feita no espaço destinado para essa função. Acreditamos que essa seria uma excelente oportunidade para sentir, de perto, a vibração do grupo. Assim, os que estiveram no local puderam interagir presencialmente e apresentar o projeto desenvolvido intensivamente naqueles últimos 14 dias.

Figura 2: Imagem da apresentação final do workshop no 11º Projetar



Fonte: autores

### **Sobre a postura pedagógica adotada**

Embora o exercício realizado no *workshop* possua um formato diferente de um atelier de projeto desenvolvido ao longo de uma disciplina, podemos trata-lo como um tipo de atividade que demanda reflexão-na-ação, por meio de um ensino prático reflexivo (Schön, 2000). A expressão conhecer-na-ação, responsável pela construção do conhecimento durante a realização de procedimentos ou sequências de operações – aqui os diferentes momentos do atelier de projeto – é a que mais se aproxima da situação vivenciada. Ao mesmo tempo, considerando as diferentes experiências dos docentes e a estrutura dinâmica do atelier, nos concentramos em torno de uma conduta que permitiu autonomia aos participantes (Rheingantz, 2003). Em síntese, partimos do princípio de que uma postura considerada aberta, baseada no diálogo sobre os diferentes momentos de reflexão e aprendizado mútuo, seria adotada durante o *workshop*.

Com base nesse tipo de premissa, observamos que os alunos de pós-graduação se sentiram mais confiantes desde as primeiras reuniões e puderam auxiliar melhor o restante do processo, ficando responsáveis pelo gerenciamento das informações reunidas pelo grupo, assim como pela organização de parte do material das apresentações. Em relação aos estudantes de graduação, representados por 2 estudantes do 1º ano, 2 do meio do curso e 2 do último ano, houve um cuidado especial: a forma de lidar com os que ainda não tinham experiência com exercícios de projeto e com *softwares* utilizados pelos demais. A conversa com o grupo foi iniciada com base na noção de acolhimento das diversidades e possibilidade de divisão de tarefas de acordo com as diferentes habilidades e conhecimentos prévios. Deste modo, os próprios alunos consideraram interessante listar como cada um poderia ajudar e como fariam isso nos momentos distintos do *workshop*. Apesar de interessante e bem avaliada no início, tal atitude foi esquecida e a lista “abandonada” na fase final da oficina, uma vez que o ritmo acelerado da busca por soluções e execução dos desenhos modificaram esse planejamento inicial. Em relação à representação gráfica das propostas, os desenhos à mão livre fizeram parte dos primeiros croquis, mas logo deram lugar às ferramentas digitais, consideradas mais rápidas por todos os participantes.

A última semana do atelier foi caracterizada como um divisor de águas dentro da atividade, já que os membros do grupo se tornaram mais próximos e conseguiram estabelecer uma forte relação de cooperação entre eles. Ao longo do processo, a figura do professor, que conduzia e estimulava, mas se baseava sobretudo numa postura pedagógica aberta, deixava espaço livre para um movimento próprio que nascia nos estudantes a partir de então. Além dos encontros marcados com toda a equipe, eles próprios marcavam reuniões em horários distintos, em conjunto, em dupla, em trio e com os monitores, quando se sentiam sozinhos na produção dos desenhos. A lista das habilidades e divisão de tarefas foi substituída pela necessidade resolver alguns contratempos – como a saída de um dos componentes grupo na fase final – e pela vontade de solucionar as questões impostas pelo tema trabalhado, o que encorajou o grupo a aprender a pensar coletivamente, a desenvolver ideias coletivamente e a ensinar uns aos outros, fortalecendo o senso de equipe.

### 3 ENSINO EM ABERTO, REQUALIFICAÇÃO URBANA E ARQUITETÔNICA<sup>1</sup>

Preâmbulo:

*“Ensinar é mais difícil do que aprender. (...) Ensinar é mais do que aprender porque ensinar exige o seguinte: permitir aprender”* (HEIDEGGER, 1977, p. 356 apud PALLASMAA, 2018, p. 73).

Todos nós..., que, por diversas situações de vida, nos confrontámos com a experiência de ‘ter’ de Ensinar, confrontámo-nos também com a dúvida, ou melhor, com a ‘certa incerteza’, de como podemos realmente ensinar.

Efectivamente, se nos relembrarmos das nossas primeiras experiências de Ensino, mesmo sendo certo que elas não começaram virginalmente no dia em que nos tornámos docentes de Projecto de Arquitectura, confrontamo-nos desde logo com tácitas e naturais inseguranças. Inseguranças que, por uma natural inexperiência, procurámos superar quer por imediatos mimetismos com o que experimentámos, pois antes de sermos professores fomos alunos com maior adesão a alguns processos vivenciados, quer pela aparente segurança dada pela transmissão de certezas objectivas. Isto é, ainda que disso não tivéssemos uma verdadeira consciência, tendíamos a ensinar um limitado ‘mundo conhecido’, que, por o ser, tendia também a induzir as respostas directas ao que se procurava veicular.

No entanto, com o avançar da nossa prática lectiva de Projecto de Arquitectura e Urbanismo, e aqui esta prática implica a repetição de processos e síntese crítica de conclusões, este enquadramento foi evoluindo e modificando-se. Com efeito, a nossa primeira pedagogia foi-se revelando insuficiente; insuficiente porque, num enquadramento pedagógico que implica com toda a certeza uma matricial criatividade, a mera repetição de conhecimentos e o mimetismo de outros, foi-se revelando limitado face ao que, cada vez mais conscientemente, para nós se evidencia e que se acreditava que se deve procurar.

De facto, com uma maior experiência e experimentação de processos didácticos, começámos a acreditar na necessidade de um Ensino mais ambíguo e em ‘aberto’; ou seja, num Ensino que, metodologicamente, mais do que se ensinar uma matéria previa e totalmente conhecida, deve para nós, pelo menos em parte, permanecer incerta de modo a permitir estimular, tanto em nós como nos alunos, uma genuína vontade de descobrir e apreender. No fundo, uma vontade que, sem alienar uma mais directa e informada transmissão de conhecimentos, deverá permitir aprender, afastando-nos assim de uma rígida e magistral postura de professor, condição que nos remete para uma pedagogia mais ampla e incerta, mas certamente, mais ‘aberta’ à participação e ao estímulo de uma criativa aprendizagem.

#### **Concepção temática e metodológica**

Sobre a concepção temática e metodológica da minha participação no *workshop*, participação essa apenas parcial, uma vez que participei apenas em parte das sessões de trabalho, devo referir que a mesma, obviamente, se desenvolveu no enquadramento enunciado no ‘Preâmbulo’; isto é, numa pedagogia que conscientemente se procurou ‘aberta’ à participação e ao estímulo de uma criativa aprendizagem. Portanto, mais do que se procurar transmitir e enunciar temas/conhecimentos objectivos, procurou-se neste Workshop introduzir perguntas e estímulos teórico-práticos sobre os âmbitos culturais e programáticos genéricos ao trabalho proposto.

Com efeito, a partir desta primeira conceptualização genérica, desenvolveu-se uma orientação pedagógica que, de um modo informado mas informal, procurou colocar dúvidas e levantar campos específicos de reflexão, nomeadamente, sobre uma ampla compreensão cultural do lugar de intervenção e sobre algumas das questões matriciais que contextualizam um dito lugar histórico e um qualquer processo de reabilitação.

Figuras 3-4: Vista sobre o ‘centro histórico’ de João Pessoa; vista aérea do lugar de intervenção



Fonte: Wikipédia, Google Maps – fotografias manipuladas pelos autores

Deste modo, é de referir que se procurou estimular nos alunos uma compreensão do lugar em sentido amplo, localizado no centro histórico de João Pessoa, realidade que implicou, de um modo intencional, tanto a compreensão do seu lugar físico e climático, como da relação intrínseca destas determinantes objectivas com o seu passado e lugar cultural. Esta intencionalidade, tendeu a levar assim os alunos a procurarem um conhecimento amplo do lugar, conhecimento que lhes permitiu, não só objectivar algumas das questões orográficas e bioclimáticas de um lugar a reabilitar, localizado no Bairro de Varadouro na Cidade de João Pessoa, como também interrogarem-se sobre o porquê do seu construído, tanto urbano como arquitectónico, necessariamente determinados por orgânicas e simbióticas realidades culturais.

Neste contexto, é de destacar que, mais do que uma análise e proposição estática temporalmente situada no presente, procurou-se uma pedagogia que levasse os alunos a compreenderem e interpretarem o lugar e o seu construído, não como uma mera expressão de uma realidade apenas situada na nossa contemporaneidade, mas sim como uma realidade cultural de condensação de tempos. Uma realidade verdadeiramente histórica que, pela organicidade inerente aos seus habitantes e à sua evolução construída, reflecte desejos e necessidades de diferentes tempos e vivências condensados num todo complexo, todo esse feito pelas múltiplas e sucessivas camadas que podem explicar o actual presente.

Assim, a concepção metodológica intrínseca a esta orientação, teve como fulcro uma compreensão, tanto quanto possível, aberta e culturalmente abrangente do lugar, compreensão essa que, mais do que se fixar com estrita objectividade no valor de um qualquer 'lugar temporal', seja este do passado ou do presente, procura compreendê-lo como uma realidade dinâmica e multitemporal. Ou melhor, programaticamente compreendemos este lugar como um lugar feito tanto de passado e presente como de futuro, até porque o presente, o nosso presente, é com toda a certeza apenas um momento fugaz de transição onde apenas interpretamos e projectamos, mesmo quando fazemos com a intensão de preservar e reabilitar um qualquer testemunho do passado, o que desejamos que no futuro possa vir a existir ou a acontecer.

Portanto, a concepção inerente a esta visão de reabilitação, seja esta urbana ou arquitectónica', afasta-se de uma visão restritiva do termo, alargando-a a uma visão muito ampla que a relaciona culturalmente com a inevitabilidade metamórfica de um futuro, que, com toda a certeza, implicará o novo e novas necessidades e que, apesar da importância identitária do seu lastro cultural, nunca irá repetir o passado. Ou seja, mesmo que romanticamente quiséssemos acreditar na preservação nostálgica e inalterada dos lugares, tal nunca acontecerá, pois, o que o futuro nos impõe é um mundo em transformação.

Deste modo, acreditamos que se queremos preservar operativamente um qualquer património cultural do passado, seja este material ou imaterial, a sua reabilitação implica sempre uma reinvenção factual do que se quer preservar, reintegrando-o e reinventando-o numa 'nova Arquitectura'. De facto, tal como já escrevemos, defendemos que num sentido restrito do termo *"não existe Reabilitação (...) apenas Arquitectura, pois, para nós, factualmente o que existe é um modo próprio de a realizar sobre um 'lugar', lugar que aqui deve ser entendido genericamente como uma contextualização patrimonial que, pela sua qualificação cultural, implica a ponderação e o equilíbrio entre a criação do que queremos fazer e o valor, por vezes frágil e insubstituível, de uma memória e/ou identidade preexistente"* (Leite, 2021, p.25).

Por esta conceptualização, a interpretação que fizemos do lugar e que procuramos transmitir aos alunos, foi contaminada por uma abertura que implicou o confronto de um lugar histórico, um lugar feito por 'muitos tempos', com a inevitabilidade de um futuro. Um confronto que, por ser um adiante, é também para nós um lugar ainda desconhecido, uma vez que necessariamente encerra indefinições que apenas projectual e com criatividade podemos antever. De facto, assim é, e essa realidade confronta-nos com a ideia em 'aberto' de Ensino que defendemos no Preâmbulo e donde partimos; ou seja, um *"Ensino que, metodologicamente, mais do que se ensinar uma matéria previa e totalmente conhecida, deve para nós (...) permanecer incerta de modo a permitir estimular, tanto em nós como nos alunos, uma genuína vontade de descobrir e apreender"*.

No entanto, para encerrar reflexão, deveremos ainda destacar uma última questão mais estritamente metodológica, questão essa que resulta da especificidade de o Workshop realizado ter assumido um processo operativo realizado à distância através de ferramentas e por uma mediatização digital, integrando alunos e docentes de diferentes Escolas de Arquitectura e de diferentes graus de formação.

Com efeito, esta configuração metodológica, invulgar no 'quotidiano' mais rígido da nossa experiência docente, implicou desafios que, pese embora as dificuldades inerentes à virtualização das relações humanas, permitiu também quanto a nós ganhos pedagógicos muito objectivos. Efectivamente, esta operativização virtual de um processo de Ensino, pese embora as suas inevitáveis dificuldades, permitiu realizar num tempo curto uma aproximação efectiva entre alunos, professores e temáticas, que muito dificilmente poderia ser conseguida por processos tradicionais.

De facto, deve-se reconhecer que, a metodologia virtual proposta para o presente workshop, integrado no *"Atelier Virtual Internacional de Projeto de Arquitectura/International Virtual Architectural Design Studio –*

IVADS 2023”, permitiu factualmente um alargamento das pedagogias mais tradicionais, realidade que, tanto para os alunos como para nós próprios, nos confrontou com a necessidade de adaptação/compreensão de outras realidades menos experimentadas. No fundo, deslocou-nos do nosso ‘chão seguro’ para a incerteza, isto é para a abertura, de um Ensino que acreditamos e que deverá “*permitir aprender e aprender*”, pelo que se deve reconhecer que, experimental e pedagogicamente, foi operativo e ‘valeu a pena’.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme visualizado através das reflexões aqui delineadas, a participação no IVADS 2023 permitiu uma variedade de encontros. Encontros entre pessoas, encontros entre experiências, encontros com novos lugares, encontros com as incertezas e, principalmente, com novos aprendizados. Assim, regista-se em primeiro lugar a defesa de um ensino ‘em aberto’, que possibilite mais do que ensinar uma matéria previa e totalmente conhecida, mas que possibilite o estímulo e a vontade de aprender em docentes e alunos.

Em seguida, evidencia-se a oportunidade de trabalhar com uma temática que possibilitou ao grupo a compreensão do lugar de intervenção como expressão de uma realidade que pode refletir diferentes tempos: sua origem no passado; seu uso no presente e novos usos no futuro. Assim, foi possível discutir acerca de uma intervenção e reabilitação de ‘lugares históricos’, ‘lugares multitemporais’, fortemente influenciados pelas realidades de quem as habitou, compreendendo-os como lugares de futuro. Sendo assim, implicam uma reabilitação que deve preservar valores patrimoniais do passado e permitir a reinvenção do que se quer preservar.

No tocante ao planeamento traçado para o período da oficina, vale mencionar a necessidade de ajustes relacionados ao conteúdo abordado nos encontros síncronos ou ao conteúdo previamente idealizado para as apresentações, especialmente em função da quantidade de variáveis envolvidas no exercício e do próprio dinamismo deste tipo de atelier. Por outro lado, o forte senso de equipe observado num curto período de tempo equilibrou as adversidades do percurso e surpreendeu a todos de modo positivo. Tal fato, no entanto, pode ter sido influenciado pela postura pedagógica adotada pelos docentes, mas partiu da predisposição do grupo em acolher, aprender e colaborar uns com os outros.

Finalmente, constata-se a validade da metodologia de um processo operativo realizado à distância, integrando alunos e docentes de diferentes Escolas de Arquitetura e de diferentes graus de formação, reconhecendo-se a sua validade como meio efetivo de alargamento das pedagogias tradicionais.

#### 5 REFERÊNCIAS

- CELANI, G. Colaboração remota no projeto de arquitetura e urbanismo em um contexto de isolamento social. *Revista Projetar - Projeto e Percepção do Ambiente*, v. 6, n. 1, p. 163–167, 2021. DOI: 10.21680/2448-296X.2021v6n1ID23866. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/revprojetar/article/view/23866>.
- LAWSON, B. *Como arquitetos e designers pensam*. São Paulo: Oficina de Textos, 2011.
- LEITE, A. S. *Reabilitação ou Reabilitações: reflexões sobre Reabilitação Urbana e Arquitectónica*. Caleidoscópico, Lisboa, 2021.
- PALLASMAA, J. Aprender e Desaprender: a perspectiva mental na Arquitectura e na Educação. In: PALLASMAA, J. (Org.). *Essências*, Gustavo Gili, São Paulo, 2018, p. 65-96.
- RHEINGANTZ, P. A. Arquitetura da autonomia: bases pedagógicas para a renovação do atelier de projeto de arquitetura. IN: LARA, F.; MARQUES, S. (Org.) *Projetar-Desafios e Conquistas da Pesquisa e do Ensino*. Rio de Janeiro: Editora Virtual Científica, 2003.
- SCHÖN, D. A. *Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem*. ARTMED. Porto Alegre, 2000.
- VELOSO, M. Atelier Virtual Internacional de Projeto de Arquitetura – IVADS 2021. *Revista Projetar - Projeto e Percepção do Ambiente*, v. 7, n. 1, p. 134–137, 2022. DOI: 10.21680/2448-296X.2022v7n1ID27893. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/revprojetar/article/view/27893>.

#### NOTAS

<sup>1</sup> Baseado no relato de experiência do Prof. Doutor António Santos Leite, sobre sua experiência nas sessões de trabalho no IVADS 2023.

NOTA DO EDITOR (\*): O conteúdo do artigo e as imagens nele publicadas são de responsabilidade dos autores.